

# **PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL**

## **programa 10**

### **JEITINHO**

#### **Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]**

Nós nunca fomos catequisados fizemos foi carnaval, quer dizer, então a reação à catequese dentro dessa alegoria é uma espécie de mascaramento, quer dizer, uma determinada máscara de que você se vale para... E aí a gente introduz uma das questões que são importantes se você quiser discutir a cultura popular no Brasil ou fora do Brasil que é o famoso jeitinho desde que você dê um jeitinho, e um jeitinho nesse caso é a máscara. Quer dizer, reparem, eu estou insistindo muito com a palavra jeitinho aqui porque eu tenho interesse em julgá-la, por exemplo, para a França onde o jeitinho existe, ele se chama système de, que é débrouiller, o verbo débrouiller, se débrouiller, que em boa tradução é se virar e, obviamente você pode até dar um exemplo em português para o se débrouiller: jacaré que não se vira vira bolsa.

#### **Heloísa Starling [Historiadora]**

Se nós somos um país com essas dificuldades que nós temos de construir uma sociedade, uma cultura política na sociedade que seja de fato tributária da impessoalidade, da democracia, da aplicação da lei, né, nós vamos ter que driblar isso. Por outro lado, se nós somos uma sociedade profundamente desigual, né, algumas pessoas vão ter que driblar isso se elas quiserem sobreviver, tá? Então você pode pensar nas tretas do fraco pe... O jeitinho ele pode aparecer tanto como uma forma corrupta no seu sentido mais amplo do termo, como as tretas do fraco, aquilo que eu faço para resistir. Como é que eu sobrevivo numa sociedade que é fortemente desigual e violenta?

#### **Contardo Calligaris [Psicanalista]**

Eu acho que o jeitinho não é tanto uma prática, digamos assim, de mistura do público ou se é uma prática de mistura do público com o privado ela e... Ela existe se

impõe, se torna quase necessária para compensar a brutalidade da máquina pública com o cidadão.

### **Lívia Barbosa [Antropóloga]**

Você está sempre devendo ao Estado, você está sempre em poder inteiramente desigual em relação ao Estado, você é que tem que se defender do Estado e de certa forma o jeitinho e... Ele permite você dar conta de um certo enrijecimento que a sociedade brasileira tem em termos burocráticos de exigências superpostas de diferentes agências sobre o cidadão comum.

### **Bia Lessa [Diretora de Teatro]**

O país tem regras tão fora das nossas necessidades, de alguma forma as instituições elas burlam isso, então às vezes você encontra mesmo dentro das instituições ofi... Oficiais uma forma de burlar e essa forma de burlar é onde eu acho que está o Brasil real, a hora que você arruma uma forma de que aquilo passa a te servir de alguma forma, que você possa se utilizar daquilo. Então eu acho que a observação do real, da dificuldade real, do problema eu acho que gera uma inteligência muito sofisticada.

### **Danilo Marcondes [Filósofo]**

O entendimento do momento atual da nossa cultura vem do entendimento da formação histórica do país, da formação histórica de uma identidade, de uma formação histórica de certos valores e que nunca está ligada simplesmente na formação de valores, na formação de identidade, está ligada à formação e à deformação e à subversão. Eu acho que o grande exemplo é o santinho do pau oco, o sa... A imagem do santo oca para colocar o ouro dentro para a coroa portuguesa não ver esse ouro aí, para contrabandear, para preservar alguma coisa nossa diante do que eles estão tirando daqui, né. Então você começa a ver esse... Que é uma espécie de, eu chamaria o santinho de pau oco uma espécie de pré jeitinho, porque é uma forma de se virar ali é: “Bom, afinal esse ouro é nosso, eles estão levando para lá? Qual é a legitimidade disso? Vamos então encontrar um jeitinho, um modo, um jeito de burlar essa, essa presença desse Estado predador”.

### **Lívia Barbosa [Antropóloga]**

Quando eu comecei a estudar o jeitinho para algumas pessoas elas davam como sinônimo de jeitinho favor, não é, e para outras davam corrupção, então era alguma coisa que se colocava entre esses dois polos opostos, né. E o que diferenciava o favor, a corrupção e o jeitinho era o tipo de reciprocidade, o jeitinho que tinha uma reciprocidade, tem uma reciprocidade difusa, eu fa... Eu dou um jeito para você entrego o papel antes do tempo determinado, mas você não tem obrigação de me retribuir em nada. A corrupção ela envolve ambos, é uma reciprocidade negativa, quer dizer, quando os dois envolvidos os dois têm uma relação de negatividade, né. O favor ele implica numa reciprocidade direta, você faz um favor para mim eu fico do ponto de vista moral, social, devedora de você, se estabelece uma hierarquia, né, entre quem recebeu favor e quem deu.

### **Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]**

Coisa do favor brasileiro era também muito uma coisa entre os desiguais, né, desiguais. Então, o Machado de Assis está lá, ele é aquele pobre menino mulato e ele obtém favores, o Roberto Schwarz fala muito disso, né. Então é interessante que você vê às vezes em sistemas altamente hierárquicos como você tem mecanismos de apropriação, né. E o que eu acho que acontece agora é uma espécie de vale tudo, né, e essa cultura individualista muito forte que é copiada de um, de um, de um modelo americano e aí uma das coisas que salva é exatamente esse aspecto da cordialidade que cria pelo menos certas solidariedade emotivas, mas ao mesmo tempo como você está apontando isso pode azedar para outro lado.

### **Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]**

O favor, por exemplo, é a figura social característica de um determinado período em que as profissões liberais no Brasil eram muito escassas não havia ainda uma certa faixa de classe média, existia uma larga população escrava e uma, e uma corte, e os estamentos burocráticos e no meio disso um contingente que vivia um pouco entre a ordem e a desordem, né. Então o favor ele é figura sociológica característica de uma sociedade não regulada pelos princípios abstratos legais, impessoais, universais, então você tem que recorrer à particularização das relações.

### **Paulo Sérgio Duarte [Crítico de arte]**

Quando o Roberto Schwarz lembra a questão do favor na... É para mostrar, né, como se regula as relações de classes entre os homens livres no Brasil do Século XIX, né, e isso permanece de uma forma evidente até hoje, né, na política de uma forma clara. Roberto DaMatta, o antropólogo, ele tem um... Uma clareza sobre essa diferença, né, de comportamento de uma sociedade patriarcal feita bra... De origem patriarcal feita a brasileira onde as amizades regulam tudo, né. O saber quem é quem, com quem você anda, com... Você... De ver o brasileiro típico da elite assim, ele fala sempre de quem ele conhece, o sobrenome, o fulano de tal, e não sei que lá e, e a construção da vida dele é toda feita através dessas relações de amizade, ou seja, as regras não estão objetivadas e não são anônimas, ou seja, o lugar da cidadania é um lugar de uma sociedade anônima, ou seja, onde não se individualize e não se personaliza as relações, enquanto na... Numa sociedade patriarcal é tudo personalizado e tudo individualizado através do nome, sobrenome, etc., e no Brasil tem muito essa marca até hoje.

### **Marilena Chaui [Filósofa]**

E um lugar do Estado está ligado também ao modo como a sociedade brasileira se estrutura como uma sociedade violenta e autoritária, né. Ela é uma sociedade hierárquica, né, vertical, dividida por desigualdades gigantescas, né, ela está polarizada, sociedade brasileira está polarizada entre a carência das classes populares e a opulência e o privilégio das classes dominantes, né. Então essa cisão no interior da sociedade mostra que é uma sociedade violenta, por que? Porque uma carência e um privilégio não são direitos, uma carência significa falta de direitos e um privilégio significa uma exclusividade que não é própria de um direito, então o direito é aquilo que tem universalidade e que serve e se refere a todos.

### **Manolo Florentino [Historiador]**

Alguns estudiosos quando falam do jeitinho brasileiro eles, eles trabalham muito como... Com essa enorme frequência de, de alforrias que tem entre nós. Quer dizer, a passagem do sujeito do cativo para civitas, o mundo da liberdade, e dizem que o jeitinho vem exatamente nessa passagem. Eu discordo, eu acho que você pode falar numa contribuição do africano e seus descendentes quando você fala em ocupação, escravo não tem profissão, escravo tem ocupação é diferente. Isso é muito claro hoje em dia quando o sujeito ele é, é ao mesmo tempo encanador, eletricitista, quer dizer, na verdade ele não tem profissão ele tem ocupação. Aí sim você pode encontrar nesse

plano, digamos, profissional, o jeitinho que tem base na escravaria, porque o jeitinho brasileiro vem fundamentalmente do patrimonialismo, é ali que você vê fundamentalmente as coisas, né: “Vou dar um jeitinho”, a confusão entre público e privado.

### **Giovana Xavier [Historiadora]**

Jeitinho também é uma maneira de subestimar o potencial de organização da, da população negra, por exemplo, o termo jeitinho. Então você... Eu não posso falar que a arquitetura da favela é um grande jeitinho é um projeto arquitetônico incrível, fantástico, muito melhor que de vários que a gente vê por aí, né. Mas isso numa narrativa hegemônica é lida como um, como um jeitinho, como um quebra-galho, como, como foi o que deu. Então assim, isso são possibilidades de reinvenção num mundo que fecha as portas para a gente o tempo todo, a favela é isso: “Não tem lugar para vocês aqui no asfalto”.

### **Auterives Maciel [Historiador]**

Quando a gente pensa o, o jeitinho como um movimento de fuga onde aquele que faz o jeitinho acontecer está fazendo um conflito aparecer de uma forma intensa, esse jeitinho não é simplesmente um jeitinho é um ato revolucionário. E aí é aquela história que eu sempre faço, né, tem uma maneira de você querer moralizar o jeitinho para poder normatizar o jeitinho e, e transformar o brasileiro numa espécie de banana, o espertinho que só vai se dar mal. E é curioso que quando você transforma o brasileiro num banana o espertinho que só vai se dar mal, você acaba transformando isso numa espécie de propaganda onde o brasileiro aparece sempre denegrado, diminuído. Mas se a gente pensar por outro lado que foi através desses pequenos jeitinhos que nós fomos capazes de construir num determinado momento uma diferença isso é positivo e continua sendo positivo, só que aí a gente tem que encontrar um outro nome na... Não vamos chamar pejorativamente isso de jeitinho, nós vamos pensar isso como linha de fuga, nós vamos pensar isso como capacidade de inventar para além da norma modos singulares de viver. Aí não é um mero jeitinho e não é apaziguador, aí é tensão e combate.

### **Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]**

Eu diria que o jeitinho é um fármaco brasileiro. Fármaco é a palavra que em grego designava ao mesmo tempo veneno, remédio e cosmético. Pois bem, o jeitinho é o nosso remédio quando ele consegue resolver problemas sem que isso signifique o desrespeito a leis. Ele é o nosso veneno justamente quando a sua solução ocorre em detrimento da obediência dos princípios gerais universais, e ele é o nosso cosmético na medida em que ele apresenta soluções escapistas para problemas estruturais.

### **Antonio Risério [Antropólogo]**

O jeitinho chega a desafiar a gente pessoalmente, porque eu não gosto de duas, duas leituras do jeitinho, uma é do Roberto DaMatta que fala que jeitinho é um modo de você mostrar que é mais igual do que os outros, acho isso uma bobagem, porque o jeitinho atravessa todas as classes sociais do Brasil, não tem distinção de sexo, idade, cor, nada disso, o jeitinho é universal no Brasil. Eu tenho uma simpatia pelo jeitinho na... No momento em que ele subverte a burocracia, mas não tenho simpatia nenhuma quando ele implica um tratamento diferenciado diante da lei ou descampa para a corrupção, não existe no, no jeitinho, no campo do jeitinho, não existe a figura do otário, jeitinho não é feito para eu lhe vender gato por lebre, o jeitinho é feito para eu driblar a norma.

### **Livia Barbosa [Antropóloga]**

Tem o sentido negativo, né, que é justamente você bypassar a lei, dar o contornar a lei não necessariamente havendo corrupção mas de certa forma fazendo com que alguém seja atendido nas suas exigências sem que aquilo se torne um direito de todos, né.

### **Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]**

Eu acho que isso continua vigente, né, essa coisa do, do esperto, do malandro, do jeitinho. Eu acho que são as espertezas de quem tem que ascender pela beirada, né, só que isso está dando... Está chegando a certos impasses, né.

### **Luiz Camillo Osório [Filósofo]**

Por que que o Brasil tem tanta dificuldade de planejamento, né, isso tem a ver com improvisado constante? Claro, a gente improvisa porque a gente não planeja, né, mas por que que a gente não, não consegue planejar minimamente?

### **Maurício Lissovsky [Historiador]**

Nunca houve em... Uma cultura brasileira tal como se pensa que atravessasse todas as classes e todos os grupos sociais. Quer dizer, o que nós temos no, no, no Brasil é predominantemente uma cultura popular na base, que valoriza a viração, porque que pode fazer um pobre se não se virar! Se não não dar um jeitinho já que, né, e uma cultura das elites que por pânico mimetiza a cultura popular, ela imita a cultura popular porque ela tem medo de, de perder seus privilégios, então ele se... Ele finge de alguma maneira, quer dizer, você tem uma elite que se carnavaliza se você quiser para parecer popular.

### **Danilo Marcondes [Filósofo]**

Há uma expressão ao meu ver que é muito significativa que as pessoas nem sempre conhecem a origem dela que é: isso foi feito nas coxas. Sabe de onde vem o foi feito nas coxas? No período colonial, início do Império ainda você fazia telhas de barro, as escravas faziam telhas de barro nas coxas, a coxa era o molde, não tinha molde, então ela pegava o barro e fazia o barro assim na coxa e depois punha para secar, o molde era a coxa. É claro que as coxas eram muito diferentes e muito... Por isso as telhas eram muito irregulares, né. Então o feito nas coxas significa isso, feito de forma precária que você não tem muito os elementos para fazer aquilo bem feitinho, tudo regular. Então eu acho que o Brasil é muito o país onde as coisas são até hoje feitas meio nas coxas porque não tem as condições, porque você faz mais ou menos que é melhor fazer do que não fazer. Eu acho que isso é... A nossa sociedade é muito marcada por opressão, por violência cometida aos escravos.

### **Giovana Xavier [Historiadora]**

O jeitinho tem a ver com como você encontra respostas para se manter vivo, então a gente não pode pensar o jeitinho como... Só como um quebra-galho tosco, o jeitinho são respostas a uma, a uma morte que está te confrontando o tempo todo. A experiência de pessoas negras ela é muito relacionada com, com a morte, né.

### **Lívia Barbosa [Antropóloga]**

Você dá uma solução, né, que nós via de regra consideramos que é um remendo, né, não é uma solução definitiva é um gato ou alguma coisa, você dá um jeitinho para resolver uma determinada situação. Isso pode se dar tanto para, né, a... Uma solução

funcional ou do ponto de vista social, né, então por isso até que nós utilizamos o diminutivo que é alguma coisa... Não é um grande jeito é alguma coisa que nós vemos como transitória, como fruto de uma certa criatividade.

### **Maurício Lissovsky [Historiador]**

O jeitinho por mais paradoxal que seja é o contrário da, da alegria, o jeitinho é uma tristeza assim, acho que é uma certa melancolia, né, acho que o, a... Acho que há, há uma dimensão melancólica nesse negócio de: “Eu vou dar um lacinho aqui e isso vai ficar mal feito, sabe, depois a gente conserta, a gente não termina”. Eu acho que o que o jeitinho mascara é, é um, um... Uma certa, uma certa... Um certo desejo de não terminar as coisas.

### **Luiz Camillo Osório [Filósofo]**

O improvisado não precisa ser o... Fazer de qualquer jeito, porque se for fazer de qualquer jeito aí estamos perdidos, né, se não houver nenhum tipo de, de vontade de fazer direito mas de uma outra maneira aí acho que a gente está fazendo com que o jeitinho vire a esculhambação. Nós transformamos o jeitinho numa... Num veneno. Então o que poderia ser o nosso modo original de ser está, está nos matando.

### **Renato Lessa [Filósofo político]**

O jeitinho no... O conceito de jeitinho nunca é aplicado para entender o comportamento da elite política brasileira, ela nunca dá jeitinho, né, o que ela faz o tempo todo é refazer as regras de acordo com seus, com seus, com seus pro... Projetos de curso prazo. Eu acho complicado isso, quer dizer, tomar isso como alguma coisa que nos, que nos diminua, nos impeça, que nos crie problemas. Eu acho que tem a ver com a enorme adaptabilidade que a gente tem e, e além da adaptabilidade com o fato de que a, a importância da lei para os brasileiros como em qualquer lugar ela é maior ou menor de acordo com a observância da lei pelos que governam, a internalização da lei ela te... O exemplo vem de cima, isso nossas avós já diziam para a gente, está certo? Se você é governado por uma classe política degradada os preceitos legais começam a ser relativizados.

### **João Cezar de Castro Costa [Ensaísta]**

Se nós temos um Poder Judiciário que é capaz de cotidianamente burlar a Constituição, procurar jeitinhos para ter uma remuneração acima do teto constitucional e ao mesmo tempo esse é o poder cuja função precípua é salvaguardar a Constituição eis a imagem acabada, um retrato em preto e branco do dilema brasileiro.

### **Manolo Florentino [Historiador]**

Eu considero de certo modo racista essa perspectiva que acha que o jeitinho brasileiro advém da escravidão unicamente, e se eu tivesse que mensurar eu diria que ela vem muito mais desse patrimonialismo do que propriamente dessa maciça passagem de pessoas do cativo para liberdade.

### **Luiz Camillo Osório [Filósofo]**

Como é que a gente cria uma sociabilidade em que o jeitinho não é passar por cima do outro, não é furar fila, né, não é achar que a sua pressa é maior do que a pressa do outro, isso é pensar só em si, né, é uma lógica do prazer absolutamente narcisista.

### **Renato Lessa [Filósofo político]**

Os humanos não estão condenados a repetir a natureza eles são vocacionados por constituição natural em inventar coisas, acrescentar ao mundo coisas, expectativas, planos, né, projetos, né. As formigas não, as formigas vão bem obrigado elas cumprem aquilo que o Freud chamava de destino do instinto, o destino do instinto. Nós também cumprimos o destino do instinto só que a gente simboliza, né, a gente faz outras coisas além de cumprir o destino do instinto, então, ou seja, o homo sapiens é o animal que dá jeitinho.

### **Beatriz Resende [Crítica literária]**

Sabe que eu gosto de jeitinho? Eu acho o jeitinho uma coisa tão interessante e a gente perde muito tempo discutindo o jeitinho: “Ah, dá um jeitinho, não pode porque dá um jeitinho!”. O jeitinho é um jeitinho, o jeitinho não é rasgar a Constituição, o jeitinho não é roubar o dinheiro de um Estado, o jeitinho é dar um jeitinho.

### **M. D. Magno [Psicanalista]**

O jeitinho não é mau caráter não é uma coisa excelente, agora, ele pode ser, ser uma ferramenta para qualquer coisa, para pilantragem, para malandragem, para o roubo,

para tudo, mas não vamos estragar o jeitinho que é uma das melhores coisas que a gente tem, a gente dá jeitinho em tudo.

**Livia Barbosa [Antropóloga]**

O que nos diferencia não é a existência dessas áreas de mediação entre o possível, o desejável e o realizável, mas é justamente nós reconhecermos essas mediações como um e... Como uma categoria cultural, né, e dar a ela um nome, jeitinho, e mais ainda, transformá-lo em um elemento decantado em prosa e verso da identidade nacional.